

## **AVALIAÇÃO CLASSIFICATÓRIA E EXCLUDENTE: REPRESENTAÇÕES DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS**

Nivalda Pereira Coelho; Ana Carla da Rocha Farias; Beatriz Cotrim da Silva; Fausta Porto Couto.

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: [nyvia.uneb@outlook.com](mailto:nyvia.uneb@outlook.com)*

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: [biah.cotrim@gmail.com](mailto:biah.cotrim@gmail.com)*

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: [ana-cfarias@hotmail.com](mailto:ana-cfarias@hotmail.com)*

*Universidade do Estado da Bahia (UNEB - DEDC Campus XII), E-mail: [faustaec@gmail.com](mailto:faustaec@gmail.com)*

**Resumo:** Este artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica realizada com acadêmicos de três cursos da Universidade do Estado da Bahia – Campus XII. A temática desenvolvida pelo projeto intitulou-se Avaliação da aprendizagem: as representações sociais dos jovens universitários da UNEB – Campus XII acerca das práticas avaliativas vivenciadas em sala de aula. As bases metodológicas partiram-se da pesquisa-ação conforme as autoras Franco (2005; 2012) e Pimenta (2011) que defendem a pesquisa de intervenção na práxis educativa como forma de dialogar o compromisso político social junto aos sujeitos da pesquisa. A análise dos dados foi realizada por meio das representações sociais a partir das orientações de Moscovici, (2007) que permite retratar as crenças e conceitos acerca de um determinado fenômeno, elementos objetivados e ancorados em um dado contexto. Justifica-se na relevância de despertar as discussões dos jovens universitários acerca das práticas avaliativas vivenciadas em sua sala de aula, bem como um olhar crítico em relação ao que é vivenciado dentro da sua universidade, mostrando os caminhos e possibilidades de intervenção que podem ser tomados por eles. Os resultados encontrados apontaram que a avaliação da aprendizagem é representada pelos discentes do curso de Administração, Enfermagem e Pedagogia como um procedimento pontual e quantitativo que dificulta os seus processos de aprendizagem por não valorizar de fato o que o aluno aprendeu sobre os conteúdos propostos. O quarto curso investigado, que foi de Educação Física apontou a representação de uma avaliação formativa e processual, entretanto, suas representações se encontram no campo das discussões por ainda estarem ancoradas num modelo de avaliação tradicionalista.

Palavras chave: Jovens Universitários. Práticas Avaliativas. Sala de Aula.

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo é fruto do subprojeto de Iniciação Científica intitulado *Avaliação da aprendizagem: as representações sociais dos jovens universitários da UNEB – Campus XII acerca das práticas avaliativas vivenciadas em sala de aula*, que teve como objetivo investigar e analisar as representações sociais dos jovens universitários da UNEB – Campus XII acerca das práticas avaliativas vivenciadas em sala de aula.

Nos últimos anos houve muitas transformações no mundo e com isso os modos de fazer, pensar e viver a educação também sofreu mudanças significativas em seu caráter, trazendo exigências no processo de formação de profissionais, a fim de que estes possam desenvolver suas atividades trazendo inovações vinculadas às diversidades de informações em tempo hábil (ALVES E PIMENTA, 2013). Essa cobrança da

sociedade reflete diretamente no aluno ao adentrar o ambiente universitário, já que ali ele estará envolto de desafios que visam sempre selecionar os “melhores” para atender o mercado de trabalho. Nesse sentido avaliação é parte fundamental no processo formativo na trajetória de cada jovem universitário.

Justifica-se na relevância de despertar as discussões dos jovens universitários acerca das práticas avaliativas vivenciadas em sua sala de aula, bem como um olhar crítico em relação ao que é vivenciado dentro da sua universidade, mostrando os caminhos e possibilidades de intervenção que podem ser tomados por eles.

## **METODOLOGIA**

Este estudo se constituiu a partir da pesquisa-ação conforme as autoras Franco (2005; 2012) e Pimenta (2011) que defendem a pesquisa de intervenção na práxis educativa como forma de dialogar o compromisso político social junto aos sujeitos da pesquisa. Como a pesquisa qualitativa, desafia estudar a realidade da educação e as possibilidades de transformação (LÜDKE e ANDRÉ, 1986), buscar o diálogo com os participantes durante e após a coleta dos dados torna-se crucial para o processo de intervenção.

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, foram iniciadas as escutas exploratórias com alunos e professores (colaboradores), considerando que o processo de escuta junto ao sujeito da situação de aprendizagem em avaliação contribui para a efetiva constatação dos dados, adequação dos propósitos da pesquisa a realidade e posterior análise conforme objetivos anunciados. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados obedecendo ao critério de matrícula nos cursos de Educação Física, Administração, Pedagogia e Enfermagem, agregando pessoas do sexo masculino e feminino na mesma proporção, vinculados a UNEB-DEDC XII todos com idade igual ou maior que 18 anos.

O projeto foi desenvolvido com o maior público de jovens e professores (colaboradores) possíveis, totalizando o quantitativo de 260 sujeitos, dentre eles alunos e colaboradores (professores e coordenadores de colegiados), embora a previsão inicial no projeto tenha sido de 300. Os primeiros encaminhamentos tomados pela pesquisa foram a divulgações junto ao corpo acadêmico em reuniões de colegiado, reunião de departamento, passo inicial para sensibilizar aos possíveis sujeitos participantes.

Após a escuta exploratória, que deu condições para a coleta de dados específicos, foram aplicados os questionários e as entrevistas compostos por 7

questões abertas referentes a prática avaliativa na UNEB Campus XII. Registra-se que as adequações ao questionário, ao momento e situação foi uma preocupação constante da pesquisadora.

As constatações oferecidas nesse processo foram mediadas pelas oficinas de intervenção que também funcionaram como um momento de debate, aprofundamento das informações relevantes a pesquisa. Estas oficinas foram divulgadas no campus através de folders, e-mails, reuniões e oralmente nas salas de aula, a fim de conquistar o maior público possível. Para isso, no cronograma de divulgação foram disponibilizados os horários durante cinco dias da semana, um período para cada público visando atender a todos. Contudo, o público conquistado para as oficinas foi mínimo, compareceram somente três grupos de estudantes em três momentos diferentes. Não houve demanda de professores. Compreendemos que a dinâmica do contexto de início e final de semestre possa ter contribuído, o que entendemos ser natural na dinâmica da universidade.

A análise dos dados foi realizada por meio das representações sociais a partir das orientações de Moscovici, (2007) que permite retratar as crenças e conceitos acerca de um determinado fenômeno, elementos objetivados e ancorados em um dado contexto. E, essas crenças implicam nas realidades, posturas dos sujeitos e modos de ser relacionar. O processo de construção da pesquisa permitiu a pesquisadora aprofundar estudos através das atividades no Grupo de Pesquisa Juventude Políticas Públicas e Formação dos Sujeitos que possui um grupo de estudos denominado Juventude em Guanambi XII desde 2014.

## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS ACERCA DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS EM SALA DE AULA**

A pesquisa teve como proposta de resultados inicialmente investigar e analisar as representações sociais dos jovens universitários da UNEB – Campus XII acerca das práticas avaliativas vivenciadas em sala de aula.

Tendo como base essa proposta inicial, as representações sociais resultantes da pesquisa foram separadas conforme as áreas representadas pelos cursos pesquisados, que foram ciências sociais aplicadas, por meio da Administração, ciências humanas, por meio da Pedagogia e ciências da saúde, representada pela Educação Física e Enfermagem. Porém, o curso de Educação Física apesar de pertencer a área das ciências da saúde é um curso de licenciatura, o que difere da enfermagem que é um curso de bacharelado. Estas

representações serão discutidas a partir de três eixos norteadores específicos formulados a partir do questionário utilizado para a coleta dos dados. Os eixos são: o que é avaliação; queixas sobre avaliação na sala de aula da universidade pesquisada e instrumentos de avaliação utilizados na sala de aula da universidade pesquisada. Após a discussão dos três eixos propostos será apresentado o olhar dos professores colaboradores que foram convidados a participarem da pesquisa (respondendo um pequeno questionário) que fez parte da escuta exploratória, onde constaram indagações acerca da avaliação da aprendizagem no Campus XII. Desta forma, posteriormente, serão expostas as possibilidades de diálogo entre a cibercultura e as práticas avaliativas a partir das representações dos jovens das três áreas pesquisadas.

Os dados das ciências sociais aplicadas, nesse caso em especial do curso de Administração evidenciaram que no primeiro eixo norteador que se refere ao conceito da avaliação, a maioria dos participantes utilizaram termos como “medir” e “mensurar” o conhecimento para definir o que entendem sobre avaliação. Neste sentido Brito e Lordelo (2007) afirmam que para que a avaliação vá além da mensuração, como é representada pelos pesquisados, cabe ao docente abrir espaço para discutir com seus alunos os objetivos da avaliação e o seu percurso diante do processo avaliativo, buscando aprimorar a aprendizagem e abrir possibilidades para as novas descobertas do estudante. Lembre-se que toda prática avaliativa está articulada ao Projeto Político Pedagógico de cada instituição, portanto movimenta-se numa perspectiva de pensar e fazer a educação.

No segundo eixo referente às queixas os dados revelam que no atual contexto em que os estudantes vivem a avaliação é representada como injusta, pouco diversificada, mal planejada pelos docentes, métodos inovadores de realização dessa prática insuficientes e provas extensas com discrepâncias nos conteúdos avaliados. Articula-se essas ideias ao terceiro eixo referente aos métodos utilizados no cotidiano da sala de aula, quando foi possível identificar que embora alguns alunos apontem a realização de debates, seminários e dinâmicas, a maioria tenha afirmado que a realização de provas objetivas e/ou subjetivas são os principais métodos avaliativos utilizados por seus professores. E, apresentam com justificativa dessa prática ao fato da facilidade para ser desenvolvida e devolvida.

Observa-se que o tema avaliação ao ser estudado dentro das ciências sociais aplicadas nos cursos de formação aponta para uma avaliação pontual e de caráter quantitativo, que Bratfishie (2013) afirma poder levar a generalização dos alunos, fazendo-os acreditarem que todos são iguais e que os métodos de aferição podem ser os

mesmos para todos. No entanto está representada pelos discentes como uma prática que precisa ser mudada, a fim de atender ao processo de ensino aprendizagem que contemple as especificidades de cada aluno. São representações pontuadas que se encontram ancoradas na avaliação classificatória, que tem como função classificar os alunos ao final do processo (LUCKESI 2011), portanto desvinculada de sentido e significado de uma aprendizagem significativa.

Os dados da área das ciências humanas, nessa situação representada pela Pedagogia, trazem que ao conceituarem a avaliação os pesquisados demonstram certo domínio em relação a temática. Tal fato se justifica devido à necessidade destes sujeitos em dominarem o processo avaliativo, já que sua atuação como mediador do conhecimento exige isso. Conceituaram a avaliação como “o processo utilizado pelos professores para avaliar seus alunos” (participante 4 de Ped.), “é um procedimento que o professor usa para analisar e investigar os conhecimentos adquiridos” (participante 8 de Ped.), “maneira de verificar se os estudantes estão aprendendo” (participante 9 de Ped.), e “forma pelo qual o professor utiliza para “medir” a aprendizagem do aluno” (participante 10 de Ped.). Nota-se que embora muitos dos pesquisados entendam a avaliação dentro de uma prática pedagógica que busca beneficiar os avaliados, existem também aqueles que representam a avaliação como sinônimo de “medir” o conhecimento a fim de classificar os alunos. A atribuição de sentido e significado apresenta significados para a avaliação vivida e a desejada. A avaliação que apenas mede e aquela que de fato precisa mediar o sucesso da aprendizagem (LUCKESI, 2011), quando imbricada à dinâmica do pensar e viver a relação teoria/prática, enquanto práxis (FRANCO, 2012).

As queixas sobre a avaliação na sala de aula aponta que o fato destes discentes entenderem a importância da avaliação para o processo de ensino aprendizagem, fazem com que eles tenham um olhar mais crítico do que precisa mudar dentro das suas vivências em sala de aula. Ressalta que na maioria das vezes a avaliação se restringe à prova, um método quantitativo que segundo eles classificam os alunos em melhores ou piores, ou que serve apenas para quantificar números para as instituições. Observa-se um processo de familiarização com a teoria educacional em que avaliar é um processo e não exame (LUCKESI, 2011). Partindo deste eixo, adentra-se na discussão dos métodos avaliativos vivenciados pelos sujeitos pesquisados em seu dia-a-dia acadêmico. Os dados evidenciados neste quesito foram unânimes, todos os discentes afirmaram que os métodos vivenciados por eles são provas, seminários e rodas de conversas, entendidos

como métodos que facilitam a prática do professor. Depreende-se que a produção de sentidos e significados para a aprendizagem ainda vincula-se ao ato de reproduzir e não construir ou ser sujeito de saber.

As discussões que permeiam a avaliação no âmbito das ciências humanas com foco na Pedagogia evidenciam que apesar dos graduandos estarem cientes de que o processo avaliativo deve manter seu olhar para o aprendizado do aluno, as representações que trazem é de que assim como nas ciências sociais aplicadas, encontra-se com o sinônimo de quantificar algo. O tradicionalismo nos procedimentos e métodos avaliativos vigora nessas duas áreas. Frente aos sentidos atribuídos, questiona-se e como acontece a formação dos docentes? Que experiências acerca das práticas avaliativas permeiam seus saberes de avaliar?

A terceira etapa do processo de análise de dados tem por objetivo discutir as representações discentes dos cursos na área das ciências da saúde, aqui representada pela Educação Física e Enfermagem. Ao considerar que o primeiro é licenciatura e o segundo bacharelado as informações coletadas serão discutidas separadamente, porém, ao final será feita uma reflexão conjunta.

As informações coletadas pertencentes à definição da avaliação apontaram que os discentes de Enfermagem compreendem a avaliação como método para quantificar, medir, verificar, analisar e testar o conhecimento do aluno. São representações pontuais que nos permite entender que ao contrário dos discentes do curso de Pedagogia que já compreendem a avaliação fora do tradicionalismo (teoricamente falando) estes ainda se englobam dentro de um processo avaliativo passado de geração para geração. Nota-se a incipiência de debates acerca dessa temática dentro do curso.

Ao analisar as queixas dos discentes em relação à avaliação vivenciada em seu cotidiano, percebe-se o incômodo com a falta de diversificação de métodos avaliativos e a falta de diálogo com os professores. Segundo eles a prova é o instrumento mais utilizado, sendo convencional e “arcaico”, que não contempla o aprendizado do aluno e os professores não abrem possibilidades de negociação com os discentes. Assim sendo, ao adentrarmos o terceiro eixo (sobre instrumentos) os achados reafirmam a queixa dos alunos em relação a prova. Observa-se que a pouca diversidade dos instrumentos avaliativos fortalecem a representação social de que a prova é um instrumento marcante em seu meio, e que são utilizadas por serem escolhas privativas dos professores. A prova neste sentido representa um elemento de poder de decisão do professor, o que certa forma contraria as orientações do regimento da instituição (UNEB, 2012) onde trata da sistemática

da avaliação da aprendizagem, ao prever a discussão do plano de curso e instrumentos de avaliação entre docentes e discentes.

No quarto e último curso pesquisado, o qual também faz parte das ciências da saúde, e que se trata de uma licenciatura (Educação Física), as discussões acerca da avaliação foram mais profundas, quando os participantes mostraram um domínio (teórico) maior sobre o tema, decorrendo daí outras produções de sentidos e significados sobre as práticas avaliativas. Assim, no primeiro eixo sobre a definição da avaliação, é evidente que os discentes a compreendem como um processo conjunto e inerente ao ser humano e que a todo o momento estamos avaliando algo ou alguém. Um dos conceitos trazidos diz que

A avaliação é um processo conjunto e sistematizado, que não se resume apenas em avaliar o aprendizado do aluno, mas sim, algo que tem início desde o primeiro contato aluno/professor, observando e avaliando o conhecimento prévio do mesmo, a cultura, o meio social, dentre outras. Esta avaliação se dá em conjunto por se tratar de algo tanto do professor, quanto do aluno ou da escola. (participante 1, Ed. Física)

Através da ideia trazida pelo Participante 1, entende-se que a avaliação não deve levar em conta somente o aluno, o professor deve estar atento para o contexto em que ele se encontra. Segundo Villas Boas (2007), através da avaliação o professor consegue identificar o que aluno já aprendeu e o que ele ainda não aprendeu, para assim criar possibilidades e estratégias de apropriação dos conteúdos por parte dos alunos.

O domínio dessa discussão pelos discentes do curso em questão faz com que os mesmos tragam consigo um olhar mais crítico acerca das metodologias avaliativas presentes em seu curso através das queixas e reclamações sobre as práticas vivenciadas em sala. A primeira delas foi quanto a incoerência de alguns professores quando pregam uma avaliação didática e pedagógica, que visa saber reconhecer o que o aluno realmente aprendeu, mas na prática seguem o mesmo modelo de avaliação punitiva criticada por eles, e que segundo os pesquisados serve apenas para atribuir notas. Outra queixa assinalada foi a presença da prova como instrumento avaliativo em destaque. Desta forma para os estudantes algumas provas assumem o caráter de “decoreba”, pois não valorizam realmente o que o aluno aprendeu, o que segundo Villas Boas (2007), a prova não deve ser abolida da sala de aula, pois são necessárias em vários processos seletivos, porém, não pode se tornar o único procedimento avaliativo utilizado pelo professor para que não torne classificatório.

Considerando-se que a prova assume um papel em destaque no cotidiano de educação física, adentramos para o terceiro e último eixo que especifica

exatamente sobre os instrumentos utilizados em sala de aula. A prova se faz presente na fala de todos os alunos, sua utilização foi justificada pela facilidade que os docentes encontram para aplicá-la. Juntamente com ela está o seminário, que a maioria dos alunos afirmam ser o segundo mais utilizados pelos professores com o intuito de tentar avaliar o desempenho escrito e oral dos seus alunos, respectivamente.

Compreende-se então que as observações advindas dos dados na área das ciências da saúde, representada pelos cursos de enfermagem e educação física, assinalaram que embora pertençam a mesma área, apresentam algumas diferenças devido as suas especificidades. Os graduandos de enfermagem trazem representações de uma avaliação com sinônimo de “quantificar”, “medir”, “verificar” “analisar” e “testar” o conhecimento do aluno, as quais se ancoram na prática avaliativa centrada nos “poderes” dos seus professores, já que os mesmos não abrem possibilidades de diálogo com seus alunos no que diz respeito a escolha da metodologia avaliativa, o que dificulta o processo de aprendizagem. Ao encontro das reflexões dos estudantes Alves e Pimenta (2013) em seus estudos sobre a avaliação da aprendizagem no ensino superior afirmam existir muitas lacunas nos percursos avaliativos devido aos critérios utilizados em sala de aula, onde professores não abrem possibilidades de diálogo com seus alunos, o que acaba prejudicando desenvolvimento acadêmico do estudante. Prevalece a reprodução de conhecimentos descontextualizados e desarticulados com as demandas da realidade dos sujeitos (BEHRENS, 1999).

Os dados de educação física trouxeram a representação social de uma avaliação formativa e processual que precisa sair do campo das discussões para então adentrar a sala de aula, já que esta ainda se encontra ancorada na avaliação tradicionalista, em que os docentes desenvolvem suas ações pautadas em metodologias apreendidas no seu processo de formação e para que aconteça uma avaliação significativa ou formativa que atenda a formação do sujeito faz-se necessário um diálogo, tendo como prática a reflexão sobre o aprendizado dentro da vivência escolar, como afirma Fetzner, (2010).

Mediante a esse contexto é importante trazer a visão dos professores acerca dessas discussões. A escuta exploratória realizada com os professores colaboradores permitiu identificar que alguns aspectos dificultam a ação docente dentro do processo avaliativo, dentre eles a falta de leitura do estudante, a memorização e a avaliação tradicional ou classificatória que segundo Villas Boas (2006), é uma avaliação seletiva e excludente. Nota-se que os professores também possuem argumentos que muitas vezes justificam um baixo desempenho dos seus alunos dentro da faculdade. Mas o que estaria

acontecendo para as ausências de leituras considerando-se que o objetivo de avaliar implica em apenas medir, reproduzir?

Ao se tratar de discussões que envolvam a juventude, alguns aspectos são inerentes, dentre eles está a cibercultura, que segundo Lévy (1999) é produzida através do ciberespaço, um novo ambiente de comunicação advinda da interconexão de computadores, em que os jovens articulam colaborações e atualizam os conhecimentos enquanto sujeitos de saberes. Por assim ser, foi questionado aos docentes quais suas representações acerca do envolvimento da cibercultura com a prática avaliativa. Os dados revelaram que existe uma relação entre avaliação da aprendizagem e os meios tecnológicos que permeiam a sociedade atual, principalmente o meio jovem. Assim, instrumentos de avaliação *online* como *blogs fóruns* e grupos dependem do tipo de disciplina e da temática de estudo a qual se trata a aula, podendo englobar vantagens e desvantagens. As vantagens postas afirmaram funcionar como estimulador de responsabilidades e autonomia, maior celeridade nas atividades, maior envolvimento dos alunos e maior volume de informações. Segundo os docentes a utilização desses recursos torna-se uma forma de distanciamento da avaliação classificatória (LUCKESI, 2008) e aproximação da avaliação formativa (VILLAS BOAS, 2006), uma vez que essas ferramentas permitem refazer tarefas, partilhar opiniões e interagir sobre as produções.

Parte dos colaboradores afirmou que as práticas avaliativas vivenciadas na sala de aula se encontram em processo de mudança, dependendo do perfil, anseios, necessidades e desejos da turma. Os demais disseram mesclar o tradicional com o inovador, visto que o discente não consegue lidar com formas diversificadas de avaliação em virtude de sua trajetória educacional. E qual tipo de cidadão é hoje, necessário formar, qual produção de saberes, conhecimentos e informações (BEHRENS, 1999) necessários a qual realidade?

Ao buscar na cibercultura as possibilidades de diálogo com as práticas avaliativas a partir das representações dos jovens das três áreas pesquisadas, pôde ser notada sua ausência, visto que os termos “medir”, “examinar”, “quantificar” e “informar” trazem a representação de que a avaliação, seus métodos e instrumentos ainda estão voltados para uma prática classificatória e tradicionalista, que não abre espaço para a cibercultura, uma rede de informações atualizada que se encontra presente na vida dos jovens. Instrumentos tecnológicos como *smartphones*, *tablets* e *notbooks* que poderiam funcionar como meios que facilitam aprendizagem dos estudantes durante as aulas apesar de estarem presentes em todos os contextos dos jovens inclusive na universidade, não funcionam como auxílio para a prática da aprendizagem. Dessa forma para Ferreira (2013) é possível

haver um trabalho pedagógico aberto, flexível e interativo com o auxílio dos instrumentos tecnológico, basta estarem aliados pedagogicamente, atentando para as especificidades do processo educativo e do sujeito. Em perspectiva verossímil, Villas Boas (2006) aponta que os meios tecnológicos podem ser úteis no processo de avaliação, já que permitem aos estudantes criarem listas de discussões, blogs e diversos meios para o envio de materiais a serem analisados pelos colegas.

A produção de sentido e significado sobre as práticas avaliativas na sala de aula universitária a partir do olhar dos jovens revelam representações que movimentam o pensar, o fazer e o viver as trajetórias de formação em diferentes cursos. E, lega-nos o desafio de articular para a realidade universitária do presente práticas que permitam uma produção de conhecimentos, informações e saberes a partir de sujeitos de direitos, inclusive de ser sujeito de saber.

## **CONCLUSÃO**

Os objetivos propostos inicialmente foram contemplados de forma satisfatória, trazendo argumentos de que a avaliação da aprendizagem é representada pelos discentes de três dos cursos pesquisados como um procedimento pontual e quantitativo que dificulta o processo de aprendizagem dos discentes por não valorizar de fato o que o aluno aprendeu sobre os conteúdos propostos. O quarto curso investigado apontou a representação de uma avaliação formativa e processual (perspectiva teórica), entretanto, suas representações se encontram no campo das discussões por ainda estarem ancoradas num modelo de avaliação tradicional.

O sentido e o significado das práticas avaliativas em sala de aula apresentados pelos discentes em suas falas é que a avaliação deve dar a oportunidade para o aluno perceber quais as suas fragilidades em determinadas disciplinas ou conteúdos para que dessa forma ele consiga progredir no seu conhecimento. Assim sendo, atribui ao professor a responsabilidade de discutir suas avaliações realizadas em conjunto com seus alunos.

As queixas observadas na área das ciências humanas, ciências sociais aplicadas e ciências da saúde, revelam que embora sejam áreas distintas, os graduandos destes cursos de formação tratam a avaliação como dinâmica a ser melhorada. Argumentam que a pouca diversificação de instrumentos avaliativos e de métodos inovadores tornam-se empecilhos para o processo avaliativo, não contemplando todas as

individualidades presentes em cada indivíduo. Os cursos investigados apontam a prova como um instrumento altamente utilizado pelos professores por ser uma forma fácil de realizar a avaliação dos seus alunos. Participantes do curso de educação física cita ainda a incoerência de alguns professores quando em seus discursos defendem a prática avaliativa que contemplem os alunos, mas no seu cotidiano suas ações são contrárias ao que se discute. Em outros casos, como dos participantes de enfermagem, a dificuldade em dialogar com seus professores acerca dos métodos avaliativos é um fato que dificulta seu processo de ensino e aprendizagem, pois os discentes permanecem neutros em relação à metodologia utilizada por seus professores para avaliar seu aprendizado.

Ao relacionar a avaliação com os novos meios tecnológicos através da cibercultura nota-se que apesar de estar inserida em todos os contextos ainda não é pouco utilizada em sala de aula para a prática da aprendizagem. O modelo de avaliação que atualmente se encontra na UNEB Campus XII ainda não agrega a tecnologia e suas inovações no âmbito da sala de aula.

Frente aos resultados constata-se que as discussões sobre a avaliação da aprendizagem no âmbito dos cursos de formação profissional, tanto nas áreas de licenciatura quanto de bacharelado, não se restringe a professor e aluno. A avaliação funciona como meio para auxiliar nas decisões sobre determinadas ações e cabe a universidade desenvolver a autonomia necessária aos alunos, para que estes tenham uma formação profissional e humana, estando imbricada em uma concepção de educação, homem, sociedade e suas possibilidades de produzir outros sentidos e significados para a produção e difusão do conhecimento ( BEHRENS, 1999).

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ilza Maria da Silva; PIMENTA, Maria Alzira de Almeida. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: representações sociais de estudantes de licenciaturas. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p. 221-240, dez. 2013. 221.

BEHRENS, Marilda Aparecida. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 80, n. 196, p. 383-403, set./dez. 1999.

BRATIFISCHE, Sandra Aparecida. AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA: um desafio. **Rev. da Educação Física/UEM** Maringá, v. 14, n. 2, p. 21-31, 2. sem. 2013.

BRITO, Cristiane Santos; LORDELO, José Albertino de Carvalho. **Avaliação da aprendizagem no ensino superior: uma visão do aluno**. 2007

Disponível em: [http://www.anpae.org.br/congressos\\_antigos/simposio2007/93.pdf](http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/93.pdf)

FETZNER, Andréa Rosana. **Avaliação: Um tema polêmico**. Ano XX Boletim 18 - Novembro 2010.

FERREIRA, Taiane Barbosa. **As tecnologias digitais em um curso superior de tecnologia de um instituto federal**. Salvador- BA 2013. Disponível em:  
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14709/1/Taiane%20Ferreira.pdf>

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia da Pesquisa-Ação**. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa-ação e prática docente: articulações possíveis**.

In:

PIMENTA, Selma Garrido & FRANCO, Maria Amélia Santoro (Orgs). Pesquisa em educação investigativas/formativas da pesquisa-ação. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: editora 34, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª Edição. Trad. P.A. Guareschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

UNEB BA, Regimento Geral da. Homologada pelo Decreto nº 13.664, Salvador, 2012.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 12, n. 22, p. 75-90, jan./jun. 2006.

VILLAS BOAS Benigna Maria de Freitas. **A avaliação na escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.